



Julho a Dezembro de 2024
Janeiro a Junho de 2025

Nº 60 • 3ª SÉRIE

CAPA e BATINA

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa

Apoteose ao Antigo Estudante de Coimbra e Homenagem a Fátima Lencastre



NESTE NÚMERO

- EDITORIAL
- TOMADA DA BASTILHA
- ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO
- HOMENAGEM A FÁTIMA LENCASTRE
- OS NOSSOS PASSEIOS
- ESPAÇO DE POESIA
- ESPAÇO OPINIÃO
- ESPAÇO ABERTO
- ALMOÇO DE NATAL
- IN MEMORIAM
- NOTÍCIAS BREVES



PÁG.

03	EDITORIAL
04	TOMADA DA BASTILHA
06	ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO
08	HOMENAGEM A FÁTIMA LENCASTRE
10	OS NOSSOS PASSEIOS - CÁ DENTRO
13	ESPAÇO POESIA
14	ESPAÇO OPINIÃO
15	ESPAÇO ABERTO
17	ALMOÇO DE NATAL
20	IN MEMORIAM
21	NOTÍCIAS BREVES

Por contenção de despesas, este boletim contempla o 2º semestre de 2024 e o 1º semestre de 2025, sem rigor na ordem cronológica.

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível. A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet: www.aaec-lisboa.com



*Por João Nuno Calvão da Silva,
Vice-Reitor da Universidade de Coimbra*

A Universidade de Coimbra tem o privilégio de se associar à 60.^a edição da revista Capa e Batina, publicação da Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra em Lisboa (AAECL), e fá-lo com particular emoção ao assinalar a merecida homenagem prestada à Dra. Fátima Lencastre, Presidente da Direção da AAECL, durante a última “Tomada da Bastilha”, realizada no passado mês de novembro no Casino do Estoril.

Na qualidade de Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, tive a honra de estar presente nesse jantar-homenagem, testemunhando de perto o reconhecimento sincero e caloroso que lhe foi dedicado pela comunidade coimbrã presente. Esse momento, marcado por afetos, memórias e profunda gratidão, refletiu aquilo que a Dra. Fátima Lencastre representa: um exemplo de dedicação, de sentido de missão e de lealdade à Alma Mater.

Ao longo dos anos, e muito em particular sob a presidência da Dra. Fátima Lencastre, a AAECL tem desempenhado um papel notável na preservação dos laços que unem os Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra, promovendo não só o reencontro entre gerações, mas também a projeção dos valores culturais e académicos que moldam a nossa identidade. Em particular, a cerimónia comemorativa da “Tomada da Bastilha” – expressão irreverente e ao mesmo tempo profundamente simbólica do espírito coimbrão – tem sido, graças ao impulso da Presidente da Direção da AAECL, um momento de celebração viva da Coimbra de sempre, da Coimbra que se leva na alma, mesmo quando se vive à distância do Mondego.

A Universidade de Coimbra saúda, com estima e reconhecimento, a Dra. Fátima Lencastre pelo seu percurso exemplar e renova o compromisso de proximidade com todos os Alumni que, através da AAECL, continuam a honrar e a engrandecer o nome da nossa instituição.

104ª COMEMORAÇÃO DA TOMADA DA BASTILHA

Por Ricardo Sousa Roque

A 104ª comemoração da Tomada da Bastilha teve lugar no Casino Estoril em 23 novembro de 2024, e iniciou-se com o habitual Coimbra de Honra. A aquecer os corações e a avivar memórias dos presentes, quem melhor que a Estudantina Universitária de Coimbra? A sua atuação deu o mote para uma noite feliz, de partilha, com uma atuação animada da conhecida irreverência e qualidade musical, tendo os jovens estudantinos, naquilo que foi uma verdadeira confraternização de gerações, chamado ao palco os antigos estudantinos presentes no Salão Preto e Prata, que acompanharam com brilho a sua Estudantina.

Seguiu-se o jantar com um menu cuidadosamente elaborado que encantou todos os presentes. O ambiente acolhedor, as ótimas companhias e o programa do sarau Show Nosso tornaram a noite ainda mais especial, encontro em que simultaneamente se honraram os bravos de 1920 e o Antigo Estudante de Coimbra, na pessoa da Presidente da Associação dos Estudantes de Coimbra em Lisboa, Fátima Lencastre.

Com o carisma, elegância e domínio desta arte, como de resto há muito nos habituou, o grande profissional e academista Sansão Coelho foi o “mestre de cerimónias” do evento, que se iniciou com uma intervenção do Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, João Calvão da Silva. Na sua veste de representante da nossa Alma Mater, este Professor e grande amigo da AAECL, transmitiu a sua solidariedade, como sempre o fez, à nossa Associação, tendo realçado a importância do papel fundamental da mesma na ligação aos



Antigos Estudantes com organização de atividades relevantes em diversas áreas, mas também na preservação dos laços de amizade entre associados e à Universidade e Academia de Coimbra. O Vice-Reitor, a propósito da homenagem ao Antigo Estudante, teceu um rasgado elogio à Presidente da AAECL, considerando-a uma referência, um

grande exemplo de academista e enalteceu a forma perseverante e exímia com que tem dirigido a Associação ao longo dos anos. Importa referir, citando o Convite para esta Tomada da Bastilha enviada aos sócios, que se “foi entendimento da Direção da AAECL, com apoio da Mesa da AG, homenagear o Antigo Estudante de Coimbra, na



pessoa da Fátima Lencastre como sua digna representante relevando, por ser de justiça, a Presidente da AAECL pelo seu papel fundamental e prestigiante ao longo de mais de 32 anos à frente desta Associação, na defesa dos valores que norteiam a condição do estudante e do antigo estudante da Academia de Coimbra”, a ideia desta iniciativa foi justamente do Vice-Reitor, aquando da comemoração do 32º aniversário da Associação.

A homenageada pediu a palavra para reiterar a sua grande resistência à homenagem à sua pessoa, aceitando-a, contudo, em nome do “Antigo Estudante de Coimbra, seja quem for e esteja onde estiver”.

Seguiu-se a entrega, pelo presidente da Assembleia Geral, Ricardo Roque, dos Diplomas de Sócios Honorários da AAECL aos ex-Presidentes da Associação Académica de Coimbra João Asseiro (que não pode estar presente), João Caseiro e Renato Simões, em cumprimento do previsto nos Estatutos da Associação. Na ocasião, Ricardo Roque, aproveitou para enaltecer a liderança brilhante, capacidade de diálogo e espírito democrático e académico da Fátima Lencastre, e que tem sido uma honra e um privilégio com ela trabalhar na Associação, considerando ainda justíssimo este público reconhecimento da sua ação e da sua pessoa como símbolo do Antigo Estudante de Coimbra.

Após um breve intervalo, atuou a Orquestra de Tangos da Tuna Académica de Coimbra, exímia naquela arte e que os convivas apreciaram sobremaneira.

A Académica: foi hora de falar na Académica pelas palavras de Joaquim Couto, Presidente da Casa da Académica de Lisboa, sob o lema “O momento da Briosa”, em que fez um breve historial da importância da Académica, referindo as grandes dificuldades que enfrenta e da necessidade do grande apoio dos Antigos Estudantes à Académica, que não é apenas um clube, mas uma causa assente em valores.

Um momento de excelência da noite, com dissertação de José Carlos Vasconcelos, aliás brilhante como sempre nos habituou nas suas intervenções públicas e também através da sua escrita, sobre “O Antigo Estudante de Coimbra”. Um discurso pleno de dimensão humanista e que caracterizou as múltiplas dimensões do antigo estudante de Coimbra- o espírito livre, a irreverência e a tradição, a saudade e o vínculo efetivo com a academia. José Carlos Vasconcelos falou sobre conhecimento, emoção e identidade, caracterizando bem o Antigo Estudante de Coimbra. Momento alto que a plateia acolheu com um imenso aplauso.

O Sarau continuou com música e poesia na Apoteose Final, com a atuação do Grupo Vozes da Terra, a convite do grupo Serenata ao Luar, e em represen-

tação da Casa da Académica em Lafões. Proporcionaram uma viagem pela música tradicional e original do grupo, bem como temas de cantautores que marcaram uma geração e as vivências académicas dos Antigos Estudantes presentes na plateia. Em conjunto, interpretaram brilhantemente temas de Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira, entre outros.

E a poesia com declamação envolvente da associada Paula Morcela, que convocou poetas como Nuno Júdice e Bocage, com poemas sobre o amor e outro que evocou a liberdade, respetivamente “Plano” e “Liberdade querida e suspirada”.

A terminar o programa, a interpretação marcante do nosso conhecido e praticamente residente da Tomada da Bastilha e de outras iniciativas da AAECL, o Grupo Serenata ao Luar com o fado de Coimbra e a canção coimbrã nas vozes de Sérgio Gonçalves, João Luís Silva e João Castro Baptista, acompanhados à guitarra por Nuno Cadete e António Sousa Mendes, à viola por Manuel Pera e Luis Miguel Martins e na flauta por Francisco Costa.

A noite não ficaria completa sem a tradicional Balada da Despedida, com todos ao palco, e o indispensável grito académico FRA.

E assim se cumpriu a tradição com mais uma Tomada da Bastilha, organizada pela Associação dos Estudantes de Coimbra em Lisboa.

33º ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

A comemoração do 33º aniversário da AAECCL foi realizada no Hotel Sana Metropolitan, no dia 29 de Março de 2025, sábado, a partir 13.00 horas. Contou com 78 participantes, com as presenças do Exmo. VRUC Calvão da Silva, que presidiu também à Tomada de Posse dos Órgãos Sociais eleitos para o mandato 2025-27, renovando para novo triénio, na presença de sócios e amigos.

No programa cultural deste encontro, após o almoço, participaram:

- Momentos de Poesia: General Bento Soares
- Danças: Ten. Cor. Alice Pereira
- Música: grupos Madre Christo e Serenata ao Luar



Momentos de Poesia: General Bento Soares



Grupo Serenata ao Luar



As Danças de salão: Ten. Cor. Alice Pereira



Grupo Madre Christo

ÓRGÃOS SOCIAIS DA AAECL – TRIÊNIO 2025/2027

MESA DA ASSEMBLEIA-GERAL

Presidente – Ricardo Jorge Sousa Roque; Vice-Presidente – José Pinheiro Veloso; Secretária – Maria Arminda Sousa Neto; Secretária – Teresa Leonor Morgado.

CONSELHO FISCAL

Presidente – José Manuel Matos da Costa; Vice-Presidente – Jorge Fernandes Nunes; Vogal – José Pedro Barbosa.

DIRECÇÃO

Presidente – Maria de Fátima Lencastre; Vice-Presidente – Ana Sequeira Varejão; Vice-Presidente – Maria Paula Morcela; Tesoureiro – José António Correia; Secretária – Maria Isabel Soares da Costa; Vogal – Maria José da Costa Bernardino; Vogal – Luís Miguel Gaspar Martins.

ASSESSORIAS

José Afonso dos Santos Leitão; Eduíno de Jesus.



Mesa para a Tomada de Posse



OVRUC Calvão da Silva e os órgãos sociais da AAECL

Cantados os parabéns, foram formulados votos de excelentes mandatos às pessoas dos órgãos sociais eleitos e de apreço à continuidade da Presidente Fátima Lencastre.

AGRADECIMENTO

Caro Vice-Reitor

A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa tem contado, em todas as suas iniciativas, com o seu inestimável apoio. Nunca é demais realçar este facto pelo sentimento de solidariedade e carinho que nos faz sentir a sua presença nos nossos eventos, pois é

a própria Universidade de Coimbra, que nos abraça e estimula, mas também o amigo como já nos habituou a vê-lo. E mais uma vez, também na recente comemoração do 33º aniversário da AAECL e tomada de posse dos seus órgãos sociais para o triénio 25/27 podemos contar consigo presencialmente (ainda que com sacrifício da sua agenda

pessoal), e colher nas suas inspiradoras palavras motivação para continuar a honrar a memória e o legado da nossa inigualável Alma Mater, com o empenho dos nossos Antigos Estudantes à volta da AAECL.

Com toda a nossa gratidão e amizade
Saudações Académicas

APOTEOSE A FÁTIMA LENCASTRE



Por Vice-Reitor João Nuno Calvão da Silva

Conheci a Fátima Lencastre em março de 2019, pouco tempo após iniciar o primeiro mandato como Vice-Reitor da Universidade de Coimbra (UC) para as Relações Externas e Alumni. Lembro-me de ter ficado então muito impressionado com a jovialidade da Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa (AAECL).

Decorridos quase 5 anos, a Fátima Lencastre continua jovem, enérgica, com uma capacidade invulgar de idealizar e concretizar iniciativas importantes para

os Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa.

De entre a frenética atividade, forçoso é salientar os aniversários da AAECL e a comemoração da Tomada da Bastilha no Casino do Estoril, eventos marcantes pela excelência organizativa, mobilização de Alumni e propósito generoso de apoio a estudantes carenciados da UC (através do Instituto Justiça e Paz).

Homenagear Fátima Lencastre constitui, por conseguinte, ato de justiça, reconhecimento devido e merecido à verdadeira

alma da AAECL, que fundou e superiormente dirige há mais de três décadas. Mas a cerimónia de hoje constitui também, afinal, um tributo aos valores do Antigo Estudante da UC: caráter, honradez, seriedade, compaixão pelos menos afortunados; valores que nos tornam diferentes e que a homenageada tão bem representa.

Saibamos honrar os valores e o exemplo da nossa Presidente. Viva a Fátima Lencastre! Viva a AAECL! Viva a Universidade de Coimbra!

AOS CORPOS SOCIAIS DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

Por Vice-Reitor João Nuno Calvão da Silva

Perante a justa homenagem a MARIA DE FÁTIMA LENCASTRE, extraordinária antiga Estudante da Lusa Atenas, personificação do Espírito e da Tradição académicas, através dos tempos, e heroína incansável na difícil gestão da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, há mais de 33 anos, não podíamos deixar de nos associar a esse louvável acontecimento que vai ser levado a cabo, pois a Fátima Lencastre, como todos a tratam com carinho e respeito, representa Coimbra, no que

existe de melhor e de mais perene e que é a sua tradição, a sua história de independência e a sua cultura singular, forjada na luta. Na verdade, a sua excelsa personalidade constitui um pilar exuberante da manutenção e continuidade do modo de ser dos antigos estudantes, desde a fundação da velha Universidade. Muito Obrigado por tudo o que fez pelo romantismo da vida académica e pelo seu feroz desejo de independência, que tanto contribuiu para a formação da própria nacionalidade, atra-

vés das controversas ondas e ventos da História. Um abraço muito grande e a gratidão profunda de todos nós, pelo seu louvável trabalho na formação e manutenção do Espírito de Coimbra.

Pelos Antigos Estudantes de Coimbra, no Porto: António Cardoso Moniz Palme, Francisco Braga da Cruz, Adelino Esteves Campante, Antonio Amaro Correia, Carlos Jorge de Oliveira Gonçalves, Maria do Amparo Carvalho Fernandes, Henrique Fernandes Tomás Veiga, Rui Assis e Santos.



Por Ricardo Sousa Roque

Foi-me suscitada opinião sobre o tema central da próxima comemoração da Tomada da Bastilha tendo em conta a proposta do Vice-Reitor, feita aquando da comemoração do 32º aniversário da AAEC.

O que refiro de seguida tem em conta a minha experiência pessoal desde que contactei a Associação pela 1ª vez há já alguns anos, mas sobretudo o que recolhi de impressões de muitas outras pessoas, uma delas o Alberto Martins em almoço recente em Coimbra.

A nossa Presidente da Direção tem sido a alma e a grande referência da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, não lhe tendo faltado engenho e arte no verdadeiro ato de resistência que tem sido a sua governação, num percurso que se tem afigurado cada vez mais difícil devido a circunstâncias várias que não cabe agora nomear. Tem travado essa luta de forma resiliente, coadjuvada por colaboradores da Direção e de outros órgãos sociais, sabendo nós que existe um objetivo

permanente de evitar que aconteça à nossa Associação o que sucedeu já a outras: a sua extinção ou o seu “travestimento” súbito.

Para mim, e já o afirmei várias vezes, é a monárquica mais republicana que conheço, com um perfil profundamente democrático que tem sabido lidar com a pluralidade de sensibilidades e orientações diversas que existem no nosso seio, o que faz dela uma líder incontornável. Ano após ano, há mais de 32 anos.

Não me deve nada e eu nada lhe devo, apenas a solidariedade e a amizade que entretanto criamos. Sinto-me, portanto, à vontade para afirmar que a proposta que a Direção aprovou “por aclamação” de converter a ideia inicial numa apoteose ao Antigo Estudante é carente de justiça e reconhecimento, muito por “culpa” da Presidente. Mas, julgo que a este propósito, um ato justo é precisamente a AAEC (não é a Direção ou outro órgão, somos todos), fazer público louvor por reconhecimento e gratidão pela dedicação, empenho, e

paixão com que a Fátima tem generosamente dedicado o seu tempo e parte significativa da sua vida à Associação, tendo estado sempre presente, nos bons e nos maus momentos. O que precede tem fundamento no “ser Coimbra”, nos princípios e valores que aprendemos e nos têm regido pela vida. À Fátima, que acredito sentir uma incomodidade por ser este centro de atenções, compete humildemente aceitar que a honraria de ser reconhecida pelos seus pares é apenas mais um patamar no seu longo percurso.

Como existe a citada proposta da Direção, disponibilizo-me para, enquanto Presidente da Mesa da Assembleia Geral e se todos assim o entenderem, propor à Direção que reveja a sua posição no sentido de, na comemoração da Tomada da Bastilha deste ano, o momento relevante seja o de apoteose/homenagem ao Antigo Estudante de Coimbra na pessoa da Fátima Lencastre, sua referência maior como presidente da AAEC.

CÁ DENTRO

PASSEIO DO OUTONO

DE 1 A 3 DE OUTUBRO DE 2024

Por José Afonso Leitão

Entre os dias 1 e 3 de Outubro de 2024 realizou-se o Passeio de Outono na zona do Alentejo denominado Rota dos Escritores. A viagem foi organizada pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e pela Agência de Viagens Transerrano, tendo contado com a colaboração do Guia Dr. Heitor Ribeiro já nosso conhecido de anterior viagem com a mesma temática à região de Aveiro em Outubro de 2022. Participaram no passeio 18 colegas.

1º Dia:

A viagem iniciou-se por volta das 08H30 na zona da Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa, com destino a Santiago do Cacém. Após uma paragem na Área de Serviço da GALP na zona de Alcácer do Sal para breve descanso e o habitual cafezinho seguimos em direcção a Grândola e Santiago do Cacém.

Da parte da manhã fizemos a Rota por

Cerro Maior, acompanhada por guia local num belíssimo percurso histórico-literário que teve como objetivo dar a conhecer o espólio do escritor Manuel Lopes da Fonseca. Cerromaior é o primeiro romance de Manuel da Fonseca, publicado em 1943 e é igualmente o nome da pequena povoação onde decorre a acção do romance. Cerca das 12H30m dirigimo-nos ao Restaurante Mercado à Mesa em Santiago do Cacém para almoçar.

Depois do almoço partimos para Cuba onde fizemos uma visita guiada ao Museu Literário Casa Fialho de Almeida. Localizada bem no centro da vila de Cuba, a casa que no final do século XIX foi a residência de Fialho d' Almeida apresenta-se agora como Museu Literário "Casa Fialho de Almeida". A casa, conservada e adaptada com o intuito de devolver à memória colectiva o escritor e o seu importante contributo para a literatura portuguesa, assenta em três espaços distintos. Naquela que era a

área de habitação encontra-se o espaço museológico dedicado às várias esferas da vida pessoal e profissional de Fialho de Almeida, enquanto nos casões adjacentes à casa o foco vai para a ruralidade e para a etnografia, temas recorrentes na escrita do autor. Destaca-se, por exemplo, a existência de uma pequena adega no quintal, com a designação de "País das Uvas", numa referência à obra de 1893 de Fialho de Almeida. A par destas áreas, a "Casa Fialho de Almeida" tem ainda um espaço reservado para a residência temporária de artistas que ali queiram permanecer e desenvolver as suas obras.

Após à visita seguimos para uma visita guiada a Vila de Frades, terra natal de Fialho d' Almeida, no Município da Vidigueira, incluindo a Igreja Matriz de São Cucufate também designada Igreja Paroquial de São Cucufate. Trata-se de um templo paroquial de excepcional envergadura de estilo barroco construído em 1707, data que se lê por cima do portal.

Visitámos ainda rapidamente a vila romana de São Cucufate, um tesouro histórico que oferece aos visitantes uma jornada fascinante pelo passado romano da Península Ibérica. Com uma história rica e uma paisagem deslumbrante, a vila preserva vestígios de uma civilização que moldou a região há séculos. Esta vila romana remonta ao século I e foi inicialmente construída como uma casa senhorial para uma família aristocrática da época. Ao longo dos anos, a vila passou por várias modificações, refletindo as mudanças nas dinâmicas sociais e económicas da região. No entanto, foi durante os séculos II e III que São Cucufate atingiu o seu auge, tornando-se um centro vibrante de atividade agrícola e cultural.

Após a visita, continuámos a viagem até Alvito, com visita acompanhada pelo Posto de Turismo Alvito, incluindo a Ermida de S. Sebastião e a Igreja Matriz de Alvito.

Chegámos, entretanto, à Pousada Castelo do Alvito, um castelo do século XV renovado com magníficos jardins e uma piscina, para fazer o check-in. O Castelo de Alvito é um monumento militar e uma pousada. É considerado um exemplo de um palácio fortificado, que conciliava as funções de uma fortaleza e de uma casa abastada. Também se destaca pela sua combinação de estilos, com vários elementos góticos e manuelinos, e de inspiração islâmica.

O jantar foi na famosa Taberna Papa Borregos com Cante Alentejano e comidas típicas da região. O cante faz parte da tradição de Alvito, tendo tido a oportunidade de assistir a um desses momentos em que os cantadores se juntam e começam a cantar.

2º Dia:

Após o pequeno-almoço fizemos um percurso por Vila Nova da Baronia, incluindo algumas das igrejas onde se preservaram, após recentes restauros, os mais belos frescos do séc. XV, tais como a Capela das Almas da Igreja Matriz e a Ermida de S. Neutel.

Continuámos a viagem para Vila Viçosa, com percurso na terra natal da poetisa Florbela Espanca, desde o cemitério onde repousa, a Igreja, até à Casa onde nasceu. Após o almoço em Vila Viçosa no Restaurante Os Cucos seguimos para Portalegre. Aí tivemos uma visita guiada à Sé Catedral de Portalegre e à Casa Museu José Régio onde o escritor viveu durante 34 anos. Também designada por Catedral de Portalegre ou Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Assunção, a Sé de Portalegre está classificada como Monumento

Nacional desde 1910. Os trabalhos tiveram início em 1556, em terrenos onde anteriormente se erguera a Igreja de Santa Maria do Castelo. Para o sucesso do novo empreendimento arquitectónico, foi decisivo, desde cedo, o patronato régio de D. João III traduzido em financiamento para materiais e mão-de-obra. Terminada em finais do Séc XVI, a igreja foi sujeita a obras de reabilitação do edifício em si mesmo e do património móvel e integrado, que começaram em Fevereiro de 2021, tendo a Igreja reaberto as suas portas em Março de 2023. O apoio concedido por D. João III e também pela rainha Dona Catarina a grandes empreendimentos arquitectónicos, como a Catedral de Portalegre, a de Elvas ou a de Leiria, conduziu à sua integração na grande corrente do Maneirismo reformado, caro aos gostos da coroa e um instrumento eficaz da Igreja pós-Trento. Estas razões explicam a sua forte implantação em território nacional e a sua longevidade em regiões do interior do país.

A Casa Museu José Régio, é um espaço repleto de colecções reunidas pelo Poeta José Régio, que viveu em Portalegre. José Régio começou por alugar um quarto numa pensão mas, à medida que o tempo passava e o espaço escasseava, devido ao seu lado coleccionador, ia alugando outras divisões, até se tornar um único hóspede na pensão.

A Casa-Museu José Régio encontra-se, portanto, na antiga residência do Poeta. O seu interior demonstra o gosto muito especial que o poeta tinha em recolher “coisas modestas de arte popular”. Na sua colecção, ao lado de peças de arte sacra, existem peças do dia-a-dia da vida rural, destacando-se os Cristos, mobiliário rústico, faiança e artesanato.

Somos poesia, através da arte régia. O poeta José Régio lecionou no antigo Liceu e

deixou, em sua memória, uma homenagem à cidade, através do poema Toada de Portalegre. O poema será eternamente uma memória da sua vivência por Portalegre, cidade que o acolheu e onde viveu mais de 30 anos:

*(...) Na tal casa tosca e bela
À qual quis como se fora
Feita para eu morar nela,
Tinha, então,
Por única diversão,
Uma pequena varanda
Diante de uma janela
Toda aberta ao sol que abraça,
Ao frio que tolhe, gela
E ao vento que anda, desanda,
Esarabanda, e ciranda
Derredor da minha casa,
Em Portalegre, cidade
Do Alto Alentejo, cercada
De serras, ventos, penhascos oliveiras e sobreiros
Era uma bela varanda,
Naquela bela janela! (...)*

Em 1965, José Régio vendeu a sua colecção à Câmara Municipal de Portalegre com a condição desta adquirir a casa, restaurá-la e transformá-la em Museu. Ficaria com o usufruto e só à sua morte este passaria para a Câmara. Tal não aconteceu, pois José Régio morreu a 22 de Dezembro de 1969 e o Museu só veio a abrir a 23 de Maio de 1971.

Terminámos com um workshop dos deliciosos rebuçados de ovo, o doce típico de Portalegre, nascido nos conventos da região há 300 anos atrás.

Após as visitas fizemos o check-in, jantámos e ficámos alojados no Hotel José Régio, bem no centro da cidade.

3º Dia:

No terceiro dia, após o pequeno-almoço, saímos do hotel a pé e fizemos, da parte da manhã, uma visita guiada ao Museu da Tapeçaria de Portalegre e à Cidade Romana de Ammaia.

Instalado na antiga casa nobre da família Caldeira Castelo-Branco, o Museu da Tapeçaria de Portalegre tem uma colecção impressionante de tapeçarias que reflecte a rica tradição da arte têxtil em Portugal. As tapeçarias são consideradas verdadeiras



obras de arte, mostrando técnicas meticolosas que foram aperfeiçoadas ao longo dos anos. Exposições de artistas renomados como Júlio Pomar e Almada Negreiros, oferecem um vislumbre do talento local e sua evolução ao longo do tempo. Tapeçaria mural decorativa, a tapeçaria de Portalegre é uma obra de arte original, única pelas suas qualidades intrínsecas e pela técnica usada para traduzir o cartão do pintor. Utilizando uma técnica totalmente manual, tem como ponto de partida um original de pintores conhecidos, portugueses ou estrangeiros. Este é ampliado para a dimensão final sobre um papel quadriculado próprio, em que cada quadrícula representa um ponto (desenho de tecelagem). A desenhadora trabalha o desenho, tendo em atenção os contornos, as formas, as tonalidades das cores e todos os pequenos detalhes que a tecedeira deve ler e traduzir em tecelagem. Seguidamente, é feita a escolha das cores, fazendo a equivalência entre o original e as mais de 7000 cores da paleta de lãs da Manufatura. Uma vez que a trama decorativa é composta por oito cabos, permite misturar fios de diferentes cores permitindo realizar, desta forma, efeitos de profundidade, transparência e de sobreposição de planos.

As cores escolhidas são indicadas no desenho de tecelagem através de um número de referência, sendo as diversas zonas de cor coloridas com aguadas indicativas, de modo a auxiliar as tecedeiras na identificação da trama a usar. Uma vez pronto, o desenho de tecelagem constitui o original para as tecedeiras. É então suspenso no tear, juntamente com os novelos de lã. A Tapeçaria de Portalegre é tecida manualmente, em teares verticais, do lado do avesso, começando pela base. A trama decorativa (100% lã) envolve completamente os fios da teia, correspondendo a uma densidade de 2.500 pontos/dm². A tapeçaria cresce horizontalmente. Depois de cada passagem da trama decorativa há a introdução de uma fina trama de ligação, invisível na tapeçaria acabada, pois fica escondida pela espessura da trama decorativa. As tapeçarias de Portalegre são editadas em séries limitadas de 1, 4 ou 8 exemplares, numerados e autenticados pelo artista através da sua assinatura no "bolduc" - certificado de autenticidade - que inclui

também título, número e dimensões da peça. Mais de duas centenas os pintores, portugueses e estrangeiros, têm obras tecidas na Tapeçaria de Portalegre.

Ammaia, ou Cidade Romana de Ammaia, localiza-se na freguesia de São Salvador da Aramenha, município de Marvão. Trata-se das ruínas de uma antiga cidade romana situada num vale, hoje no coração do Parque Natural da Serra de São Mamede. Em sua época, "Ammaia", na província romana da Lusitânia, possuía um território administrativo que englobava uma grande parte do atual distrito de Portalegre e que se estendia também para território hoje espanhol. Identificada e estudada a partir de meados da década de 1930, as suas ruínas encontram-se classificadas como Monumento Nacional desde 1949. O início das investigações arqueológicas das ruínas romanas começou em 1994 e foi seguido por projetos semelhantes em 1995 e 1996, sob a responsabilidade da Fundação Cidade de Ammaia. A Fundação Cidade de Ammaia será provavelmente uma das primeiras organizações no nosso país que surgiu com a missão de salvaguardar e preservar as ruínas de "um monumento nacional esquecido", a Ammaia. A Fundação tem por objeto estatutário a prossecução de ações de ordem cultural, educativa e filantrópica, bem como promover investigação científica, podendo também atuar na área social e na área do desporto. A sua ação tem-se desenvolvido principalmente em Portugal, mas poderá eventualmente estender-se a países que tenham sido abrangidos pelo Império Romano e a outros que tenham estado li-

gados por razões históricas a Portugal. A Fundação Cidade de Ammaia foi constituída legalmente por escritura pública a 27 de Novembro de 1997.

Após a visita à Cidade Romana de Ammaia seguimos para Marvão, onde almoçamos no Restaurante Varanda do Alentejo.

Na parte da tarde tivemos a oportunidade de fazer uma visita livre ao Castelo de Marvão, uma das 7 maravilhas do Alentejo! O Castelo de Marvão é uma fortaleza medieval situada na vila com o mesmo nome. Está classificado como Monumento Nacional desde 1922. O castelo insere-se no Parque Natural da Serra de São Mamede, na vertente norte da serra, em posição dominante sobre a vila e estratégica sobre a linha da raia. Controlava, no passado, a passagem do rio Sever, afluente do rio Tejo. Esse facto garantiu-lhe a atenção de diversos monarcas, expressa em diversas campanhas de remodelação, que deram ao monumento o seu aspecto atual. Quanto à sua origem, supõe-se que no contexto da conquista de Alcácer do Sal, D. Afonso Henriques terá tomado a povoação aos mouros entre 1160 e 1166. Quando da demarcação do termo de Castelo Branco (1214), Marvão já se incluía em terras portuguesas. D. Sancho II concedeu-lhe foral em 1226, visando manter esta sentinela avançada do território povoada e defendida diante das repetidas incursões oriundas de Castela à época.

Após a visita ao Castelo de Marvão iniciamos a nossa viagem de regresso a Lisboa com a habitual paragem técnica destas situações, tendo chegado a Lisboa ao fim do dia.





OS NOSSOS POETAS

ABRAÇA-ME

ABRAÇA-ME.

Quero ouvir o vento que vem da tua pele, e ver o sol nascer do intenso calor dos nossos corpos.

Quando me perfume assim, em ti, nada existe a não ser este relâmpago feliz, esta maçã azul que foi colhida na palidez de todos os caminhos, e que ambos mordemos para provar o sabor que tem a carne incandescente das estrelas.

ABRAÇA-ME.

Veste o meu corpo de ti, para que em ti eu possa buscar o sentido dos sentidos, o sentido da vida. procura-me com os teus antigos braços de criança, para desamarrar em mim a eternidade, essa soma formidável de todos os momentos livres que a um e a outro pertenceram.

ABRAÇA-ME.

Quero morrer de ti em mim, espantado de amor. dá-me a beber, antes, a água dos teus beijos, para que possa levá-la comigo e oferecê-la aos astros pequeninos.

Só essa água fará reconhecer o mais profundo, o mais intenso amor do universo, e eu quero que delem fiquem a saber até as estrelas mais antigas e brilhantes.

ABRAÇA-ME.

Uma vez só. Uma vez mais.
Uma vez que nem sei se tu existes.

Joaquim Pessoa, in 'Ano Comum'

NÃO TE APAIXONES

"Não te apaixonones por uma mulher que lê, por uma mulher que sente demais, por uma mulher que escreve..."

Não te apaixonones por uma mulher culta, maga, delirante, louca.

Não te apaixonones por uma mulher que pensa, que sabe o que sabe e além disso sabe voar; uma mulher segura de si mesma.

Não te apaixonones por uma mulher que ri ou chora fazendo amor, que sabe transformar em espírito a sua carne; e muito menos te apaixonones por uma que ame a poesia (essas são as mais perigosas), ou que fique meia hora contemplando uma pintura e não saiba viver sem a música.

Não te apaixonones por uma mulher que se interesse por política e que seja rebelde e tenha um imenso horror com as injustiças.

Não te apaixonones por uma mulher que não gosta de assistir televisão. Nem por uma mulher que é bonita, mas que não se importa com as características do seu rosto e do seu corpo.

Não te apaixonones por uma mulher intensa, brincalhona, lúcida e irreverente.

Não queiras te apaixonar por uma mulher assim.

Porque quando te apaixonares por uma mulher como essa, jamais conseguirás ficar livre."

Texto Martha Rivera-Garrido

Disponibilizado por Paula Morcela

COIMBRA, A CIDADE DOS ESTUDANTES. LENDAS E TRADIÇÕES.

Por Maria Isabel Soares da Costa

Coimbra, a cidade que tanto tem para oferecer e ensinar!

É como se diz na canção “Coimbra é uma lição de sonho e tradição...”

Os estudantes dão vida à cidade e envolvem-se na sua dinâmica. São eles muitas vezes os responsáveis por manterem vivas as lendas, as tradições e as histórias que permitem que Coimbra seja um lugar único e singular. Quem estuda em Coimbra não esquece os momentos que passou e na altura da despedida fica a saudade de um tempo que não volta, mas que vai durar eternamente!

Vamos descobrir os encantos desta cidade que tanto tem para oferecer!

/// A Cabra

Começamos por lhe falar da torre da Universidade que data de 1728 e possui quatro sinos. Um deles muito especial que é apelidado de “Cabra”. Adquiriu esta denominação, pela função que desempenhava de acordar os estudantes de manhã. Ainda hoje toca nos dias com atividades letivas a partir das sete e meia da manhã. Os sinos desta torre também têm a função de informar acerca de atos Solenes e da morte de docentes da Universidade.

/// Escadas Monumentais

São imponentes e tornam-se muitas vezes palco de tradições académicas como a praxe. Possuem 125 degraus que estão divididos em cinco lances. A lenda associa o número de lances à duração dos antigos cursos e explica que o número de vezes que se tropeça na escadaria é o número de cadeiras que se vai reprovar nesse ano. Os estudantes têm assim um cuidado redobrado ao passar pela escadaria, não vá o azar bater-lhes à porta e terem de repetir mais uma cadeira!

/// Estátua de D. Dinis e... não só...

Foi em 1290 que D. Dinis, através da criação do Estudo Geral, dá origem à Universidade mais antiga do país. Esta teve início em Lisboa e foi transferida em 1537 para Coimbra por D. João III. É no cimo das Escadas Monumentais que se diz estarem as duas bolas do rei fundador da Universidade em Portugal. Conta a lenda que se um estudante se formar virgem, as bolas caem. Verdade ou não, as bolas ainda se mantêm no seu lugar até aos dias de hoje!

/// Mito da Raposa

A Faculdade de Direito foi criada no dia 5 de dezembro de 1836 e veio substituir as Faculdades de Leis e de Cânones. Sofreu diversas reformas curriculares desde essa altura até se tornar no conceituado espaço de conhecimento que hoje conhecemos. A próxima lenda relaciona-se com esta faculdade, em particular com um objeto ao qual os estudantes decidiram associar um presságio. Entre os Gerais e a Via Latina existe um azulejo de uma raposa. Este era pontapeado pelos estudantes com o objetivo de afastarem o chumbo. Passou a associar-se o animal ao insucesso escolar onde os rapozos são sinónimo de chumbos.

/// Traje académico da Universidade de Coimbra

É o momento mais esperado pelos estudantes do primeiro ano, os chamados caloiros, o momento em que trajam pela primeira vez! Há muita emoção no ar, lágrimas que escorrem pelos rostos e abraços que são dados! Mas afinal em que consiste o tão famoso traje académico dos estudantes da Universidade de Coimbra? Os rapazes utilizam sapatos pretos, colete preto, batina preta, calças pretas,

camisa branca, gravata preta e o mais importante, a capa preta. Já as raparigas devem usar sapatos pretos, camisa branca, saia preta, casaco cintado preto; meias altas pretas, gravata preta e também a famosa capa preta.

/// Celebrações Académicas da Universidade de Coimbra

Os estudantes possuem dois momentos de celebração por ano na cidade de Coimbra: a Latada e a Queima das Fitas. São momentos de grande alegria e animação, onde se promove a socialização e o convívio.

/// Latada

Celebra-se em outubro e tem início com a Serenata no largo da Sé Nova. O cortejo pelas ruas da cidade é um momento marcante desta festividade. Os estudantes do primeiro ano, levam latas amarradas aos tornozelos e estão vestidos com os fatos concebidos pelos seus padrinhos do curso. No fim do cortejo ocorre o batismo dos caloiros. Durante a semana da Latada têm lugar diversos eventos desportivos e espetáculos culturais.

/// Queima das Fitas

Celebra-se em maio e tem início com a famosa Serenata Monumental no largo da Sé Velha. O cortejo é o ponto alto desta festividade, altura em que desfilam carros alegóricos dos cursos da academia, pelas ruas da cidade. Durante oito dias os estudantes podem usufruir de atividades desportivas e culturais. Destaque vai para os concertos que têm lugar nesta altura. Assim termina a nossa viagem por algumas das tradições e lendas da cidade de Coimbra, esta que vai estar sempre associada aos estudantes. As suas ruas serão sempre palco de convívios, alegrias e emoções fortes.

LEMBRAR O PAPA FRANCISCO

Por Guilherme d'Oliveira Martins



A memória do Papa Francisco ficará ligada à ideia de um novo rejuvenescimento. Ao chamar a atenção para as margens e para as periferias, procurou mobilizar novas energias, apesar das dificuldades que sentiu e das atitudes corajosas que teve de tomar para limpar alguns sinais de acomodação e de abuso, que não deixou de considerar como vergonha. «Torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais» - como afirma a Exortação Pastoral “Evangelii Gaudium” (EG). Na mesma linha em que o Papa João XXIII apelava ao reconhecimento da importância dos “sinais dos tempos”, o Papa Francisco disse «É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades. (...) Nas grandes cidades, pode observar-se uma trama em que grupos de pessoas compartilham as mesmas formas de sonhar a vida e ilusões semelhantes, constituindo-se em novos sectores

humanos, em territórios culturais, em cidades invisíveis. Na realidade, convivem variadas formas culturais, mas exercem muitas vezes práticas de segregação e violência».

Fidelidade e mudança foram marcas profundas do pontificado de Francisco, cuja primeira Encíclica, *Lumen Fidei*, foi escrita em colaboração com Bento XVI. Os temas de uma cultura humanista, de uma Ecologia integral, de uma Economia solidária constituem projetos de renovação, que se tornaram essenciais na mensagem das Jornadas Mundiais da Juventude de 2023: «A par do património natural, encontra-se igualmente ameaçado um património histórico, artístico e cultural. Faz parte da identidade comum de um lugar, servindo de base para construir uma cidade habitável. Não se trata de destruir e criar novas cidades hipoteticamente mais ecológicas, onde nem sempre resulta desejável viver. É preciso integrar a história, a cultura e a arquitetura dum lugar, salvaguardando a sua identidade original. Por isso, a ecologia envolve também o cuidado das riquezas culturais da humanidade, no seu sentido mais amplo». Eis por que razão o Papa Francisco pedia com insistência que se prestasse atenção às culturas locais, mais diretamente, «quando se analisam questões relacionadas com o meio ambiente, fazendo dialogar a linguagem técnico-científica com a linguagem popular. É a cultura – entendida não só como constituída pelos monumentos do passado, mas especialmente no seu sentido vivo, dinâmico e participativo – que não se pode excluir na hora de repensar a re-

lação do ser humano com o meio ambiente» (*Laudato Si'*, 143). Com efeito, a nossa relação com a cultura obriga à necessidade da compreensão da gratuitidade, da partilha, em vez de uma cega atitude consumista, esquecida e da solidariedade. «A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem de vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de debicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas» (EG, 223). E importa ainda lembrar que a «a cidade dá origem a uma espécie de ambivalência permanente, porque, ao mesmo tempo que oferece aos seus habitantes infinitas possibilidades, interpõe também numerosas dificuldades ao pleno desenvolvimento da vida de muitos. Esta contradição provoca sofrimentos lancinantes. Em muitas partes do mundo, as cidades são cenário de protestos em massa, onde milhares de habitantes reclamam liberdade, participação, justiça e várias reivindicações que, se não forem adequadamente interpretadas, nem pela força poderão ser silenciadas» (EG, 74). Só uma cultura respeitadora da liberdade e da responsabilidade, da memória e do conhecimento poderá encontrar caminhos de autonomia, emancipação, dignidade e paz. Esse projeto de responsabilidade e de coragem foi defendido tenazmente pelo Papa em diversos domínios, razão

pela qual a sua herança é muito rica. Assim, o seu desaparecimento não é só uma perda para os cristãos, é uma perda para o mundo.

O encontro com o Grande Imã da Mesquita de Al Azhar, Ahmed Mohamed El-Tayeb, no Abu Dhabi, constituiu um momento da maior importância no âmbito do diálogo entre religiões, envolvendo a assinatura do Documento sobre a Fraternidade Humana (4.2.2019), que permite a afirmação de uma cultura de paz baseada no respeito mútuo, na liberdade de consciência e na necessidade de uma compreensão mútua no conhecimento e na sabedoria, «A fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar. Da fé em Deus, que criou o universo, as criaturas e todos os seres humanos – iguais pela sua Misericórdia –, o crente é chamado a expressar a fraternidade humana, salvaguardando a criação e todo o universo, apoiando todas as pessoas, especialmente as mais necessitadas e pobres». Há porém, um longo caminho a percorrer.

O Documento Final do Sínodo dos Bispos merece uma especial atenção

e uma leitura cuidada, porque aí se sente a intervenção do Papa. Saliente-se a tendência para não referir de modo fechado uma Igreja universal, preferindo-se a fórmula abrangente e a lógica de rede com diversas ramificações periféricas. Torna-se, de facto, necessária uma linguagem adequada ao tempo presente: há a comunhão de Igrejas, reportando-nos ao povo de Deus, unido em Cristo. O universalismo não pode, assim, confundir-se com uniformização. As igrejas locais correspondem a diferentes maneiras de viver as relações entre cristãos. Deste modo, quando o Papa Francisco afirmou que o Documento sinodal “não é normativo”, preferiu indicar um caminho a ser tomado por todos. “Não se trata, portanto de leis vindas de uma instância central para serem adaptadas nas periferias, mas de responder a um apelo à conversação, ou seja, a viver as relações eclesiais de modo diferente”.

A liturgia é um tema que ainda deve ser avaliado. No entanto, onde for apropriado deve haver mais participação. Há experiências já existentes que exigem aprofundamento. Quanto

ao diaconato feminino, persiste a questão em aberto, mas para o Papa a participação das mulheres na Igreja terá de ser alvo de especial atenção. “Devemos tornar-nos uma espécie de centro no qual as diferentes pessoas possam reconhecer-se como irmãos e irmãs, filhos de um único Pai”. Estamos perante uma ideia diferenciada de serviço, que pode ser vivida de forma integrada e dinâmica, não podendo os leigos ser subalternos ou substitutos. O Papa Francisco lembrava Gustav Mahler, ao defender que a fidelidade à tradição não consistiria em adorar as cinzas, mas em conservar o fogo. Por isso, perguntava, ao defender o método da colegialidade: antes de começarmos o caminho sinodal, a que estaremos mais inclinados: a cuidar das cinzas da Igreja, do grupo restrito de cada qual, ou a conservar o fogo? Infelizmente, há mais tendência para adorar as coisas que nos encerram e não as que nos fazem viver. “Sou de Pedro, sou de Paulo, sou desta associação, tu és da outra, sou padre, sou bispo, ou sentimo-nos chamados a guardar o fogo do Espírito?”

SÓCIOS ADMITIDOS

Em 2024 (de Julho a Dezembro) e em 2025 (Janeiro a Junho) foram:

- Dr. Rodrigo Ramos Lopes Serra Lourenço - Sócio nº 1399
- Engº. José Mendes Diniz Vieira - Sócio nº 1400
- Dr. Rui António Faustino - Sócio nº 1401
- Dr. Lucas Ferreira - Sócio nº 1402
- Drª. Alice Maria Santos Carvalho - Sócia nº 1403
- Engº. Luís Manuel do Carmo Cunha - Sócio nº 1404
- Engª. Maria Paula Faria Rego Morcela - Sócia nº 1405
- Drª. Paula Cristina Magalhães Saraiva - Sócia nº 1406
- Drª. Maria do Carmo Dias Nunes Simões Cabrita Alves - Sócia nº 1407
- Engª. Maria Teresa Delgado Mingalho Rebelo - Sócia nº 1408
- Drª. Ana Margarida Carvalho Lourenço - Sócia nº 1409
- Drª. Carla Cristina Correia Tavares Martins Duarte - Sócia nº 1410
- Engª. Ana Filipa Valente M. Alves Moraes - Sócia nº 1411
- Dr. Carlos Alberto Fernandes - Sócio nº 1412
- Engª. Ana Patricia Coelho da Silva Carvalho - Sócia nº 1413
- Engº. António Levita Gonçalves - Sócio nº 1414
- Engº. António José da Silva Tavares - Sócio nº 1415
- Dr. Mário Simões Barata - Sócio nº 1416
- Drª. Diná César de Bastos - Sócia nº 1417
- Drª. Susana Maria Marques Tomaz - Sócia nº 1418
- Dr. Jorge Albino Alves Costa - Sócio nº 1419
- Engº. Paulo Nuno Rodrigues Marques Augusto - Sócio nº 1420
- Engº. Jerónimo José Batista Barroso - Sócio nº 1421
- Engª. Ana Maria Pontedeira Senhorães Senra - Sócia nº 1422



O ALMOÇO DE NATAL DE 2024 E OS 60 ANOS DOS ÁLAMOS

Por Zé Veloso

Em 14 de Dezembro do ano passado – na sala Viena do Sana Metropolitan Hotel, como é já da tradição – teve lugar o sempre muito concorrido Almoço de Natal da AAACL.

A avaliar pelo que se ouvia dizer entre os comensais, o almoço-buffet foi excelentemente servido e excedeu as expectativas dos mais exigentes. Mas estou certo de que não seria pelos frios nem pelos quentes, nem pelas sobremesas nem pelas bebidas, que ali se tinham deslocado os mais de duzentos convivas que, alegremente, enchiam a sala e a mantinham em ebulição. Seria, porventura, pelo convívio no reencontro de antigos colegas e amigos; e pelo Sarau que haveria de se seguir ao almoço, onde – para além da imprescindível Serenata de Coimbra, com fados, baladas e guitarradas interpretados pelo nosso tão querido grupo *Serenata ao Luar* – iriam actuar *Os Álamos*, 60 anos passados sobre a década em que haviam tocado e encantado, a tão famosa década de 60.

Breve história dos Álamos



Primeiro disco dos Álamos (1966).
Em cima, Chico Faria, Zé Pereira e Zé Veloso;
em baixo, Duarte e Colaço

Estávamos em 1962 quando chegaram de Inglaterra os ecos de *Cliff Richard and the Shadows* a tocar *The young ones* e, de França, o som dos *Les Chats Sauvages*, com *Est-ce que tu le sais?* e *Twist à Saint-Tropez*. Foi uma revolução no instrumental dos conjuntos. O piano tinha ido às malvas! O contrabaixo, atirado para o lixo, dava lugar à guitarra-baixo. Toda a força instrumental estava agora em três guitarras eléctricas sem caixa de ressonância – os “bacalhaus” –, ora “rockeiras”, ora roçando uma maviosidade piegas, acompanhadas por uma bateria.

Tocados por estes ventos, o Luís Filipe Colaço (Phil), vindo de Angola para estudar Engenharia (mas que se ajeitava como guitarra-solo) e o Duarte Brás (Corsário das Ilhas, Direito), que ficaria como guitarra-ritmo, resolveram pôr mãos à obra.

Munidos de duas guitarras eléctricas de gama baixa compradas no Olímpio Medina, arranjaram um baterista (o Nuno Figueiredo, Engenharia) que nunca se sentara à frente de uma tarola, mas que tinha uma garagem na Avenida do Brasil e um pai compreensivo que emprestou dinheiro para a compra de um pequeno amplificador Bowers.

Na escolha do vocalista houve fatura e resolveram ficar com os dois – o Chico Faria (chegado de Moçambique, 1000-y-onários, Engenharia) para as canções cantadas em inglês e o José Hermano Gouveia (Medicina) para as francesas e italianas.

Faltava apenas encontrar quem tocasse guitarra-baixo, instrumento que nunca ninguém vira em Coimbra. Vieram ter comigo, Zé Veloso, porque constava que

eu teria uma guitarra eléctrica. Não era bem eléctrica, mas tinha fios; era uma velha viola de caixa que ainda afinava as cordas com cravelhas de madeira, em cujo tampo eu tinha fixado com fita-cola dois auscultadores de galena a trabalhar ao contrário, como se fossem microfones. Foi com este bizarro instrumento que me apresentei perante os demais na dita garagem, para fazer aquilo a que hoje se chamaria um *casting*. Abriram uns olhos de espanto, mas não me fecharam a porta. A partir desse dia *Os Álamos* estavam formados.

Ensaíamos umas quantas músicas, arranjámos um nome – *Álamos* são choupos que existem no Choupal – e fizemo-nos à estrada nos inícios de 1963. A estreia foi no Baile do 1.º ano de Letras, no Salão da FNAT, num 1.º andar que ficava nas traseiras do Hotel Bragança. Foi um estrondo! Não porque tocássemos bem (estávamos, até, bastante crus); mas porque trazíamos a novidade. A estridência das três guitarras eléctricas, a formação dos guitarristas em palco, gingando em passes de dança bem ensaiados, como faziam os *Shadows*, somado a um truque de circo que consistia em tocar o *Tintarella di luna* com as guitarras nas costas, apoiadas no pescoço, puseram a malta aos gritos, em polvorosa. Era o *yé-yé* a chegar a Coimbra!

No baile alternavam dois conjuntos já batidos, pelo que nós tocámos apenas durante uma hora, pelo cachê de 500\$00. Mas, perante o sucesso, a Comissão achou que merecíamos mais e pagou-nos 800\$00. Foi a única vez que tal nos aconteceu. A partir daí, ou era o valor combinado ou um calote.



Os Álamos em 1967. Em cima, Zé Pereira e Colaço; em baixo, Duarte e Zé Veloso

O grupo durou sete anos lectivos, de 1962/63 a 1968/69, tantos quantos eram necessários para terminar um curso de Engenharia, com mais um ano para os descontos (!?). Durante esse tempo corremos seca e meca, tocando quase todos os fins-de-semana e só parando na época de exames.



Segundo disco dos Álamos (1969). Colaço, Rui Ressurreição, Zé Pereira, Bóris, Zé Veloso e Tózé Albuquerque

A composição do grupo nem sempre foi a mesma, devido a saídas por razões diversas, entre as quais a finalização dos cursos. Entraram para a bateria, sucessivamente, o Zé Pereira e o Luís Monteiro; e no último ano entraram o Carlos Correia (guitarra e vocalista), mais conhecido por Bóris, e a dupla Rui Ressurreição e Tozé Albuquerque, numa altura em que passámos a tocar com órgão e que gravámos dois EPs com órgão e piano – evolução natural, já que os Beatles tinham passado a gravar com orquestra. Só o Phil e eu próprio nos mantivemos de princípio a fim.



Os músicos. Zé Veloso, Urbano Oliveira, Colaço e Duarte

Uma vez arrumadas as guitarras, voltámos a tocar em público em 2013 (em Lisboa e em Coimbra), para festejar com familiares e amigos os 50 anos da nossa estreia. Em 2024 resolvemos celebrar os 60 com dois eventos: o primeiro em Tavira, junto dos amigos do nosso baterista Luís Monteiro; e, agora, no almoço de Natal da AAEC, junto dos nossos antigos colegas de Coimbra. O nosso obrigado à AAEC por nos ter dado esta oportunidade!

O concerto

Durante a hora e meia que durou o concerto, os Álamos procuraram recriar o ambiente dos Bailes da Faculdades. Para tanto, interpretaram 14 temas musicais emblemáticos do seu repertório de então, cobrindo vários intérpretes e estilos musicais, temas que iam sendo contextualizados em conversa com o público.

Em palco estiveram, para além do baterista Urbano Oliveira, os três guitarras da fundação do conjunto: Luís Filipe Colaço (Phil) na guitarra-solo, harmónica e vozes; Duarte Brás, guitarra-ritmo e vocalista principal; e eu próprio, Zé Veloso, guitarra-baixo, vozes e locução. Refira-se que o Urbano Oliveira, que nos anos 60 tocou nos *Gatos Negros* de Victor Gomes, nunca antes tocara com os Álamos; foi convidado para tocar à última hora, devido a um repentino problema de saúde do Luís Monteiro. — *Obrigado, Urbano, por teres aceite o convite; safaste-nos de um tremendo aperto!...*

O concerto arrancou com o *Detroit City*,

uma canção que foi cantada, entre outros, por *Tom Jones*. Tema nostálgico, é um cantar de emigração que nos fala de um jovem que foi trabalhar para Detroit no período áureo da indústria automóvel e que sente saudades de casa. O refrão diz tudo: *I wanna go home, I wanna go home, oh, how I wanna go home!*

Continuámos com *Crying time*, um *slow* pungente em que a versão dos Álamos se inspira no dueto cantado por *Ray Charles* e *Glen Campbell*.

Depois de uma entrada morna, era tempo de acelerar com *Sloop John B*, um dos grandes êxitos dos *Beach Boys*. E a reacção dos presentes não se fez esperar. Os mais afoitos (sobretudo, as mais afoitas) saltaram de imediato para a pista de dança, de onde só viriam a sair no final do concerto. O baile tinha começado!

Mas os bailes não se faziam apenas de música mexida. Eles eram uma ocasião para a aproximação amorosa entre os jovens... para pedir namoro, até. E isso não era coisa que se pudesse fazer aos saltos. O melhor seria esperar pela vinda de um *slow* ou um *slow-rock* lentinho, como os dois que se seguiram: *Sleepwalk* dos *Shadows* e o *I can't stop loving you* que *Ray Charles* imortalizou.

Era tempo de recordar, com o auxílio do público, os locais onde tinham lugar os Bailes das Faculdades. À cabeça dos demais, o *Bar das Medicinas*, no último andar da respectiva Faculdade; a seguir, o *Ginásio do ACM*, na rua que sobe da Praça da República até aos Arcos do Jardim; o salão do *Hotel Avenida*, junto

ao Turismo; o salão de chá do Jardim da Manga; e, por último, o já referido Salão da FNAT.

O concerto seguiu com a evocação de *Cliff Richard*, acompanhado pelos *Shadows* no tema *The young ones*, canção que fazia parte do filme com o mesmo nome, lançado em 1961. Foi um momento particularmente estimulante para quem foi também *young one* naquela época e estava agora ali a cantar, a plenos pulmões, o final do refrão: *I need you, You need me / Oh, my darling, can't you see.*

E porque estávamos em maré de *Shadows*, tocámos logo de seguida o galvanizante *Apache*, primeiro grande êxito daquele grupo, gravado em 1960. Curiosamente, ouvi o *Apache* pela primeira vez quando o conjunto de *Van Wood* foi tocar à TV, em Maio de 1962. E recordo que *Van Wood* já estava em Portugal para tocar na Queima de 62 quando esta foi cancelada devido ao luto académico e não pediu indemnização alguma pelo cancelamento do seu contrato!

The green green grass of home seria a música que viria depois, uma balada *country* em que o rei *Elvis Presley*, um dos muitos que a tocaram, sonha com o regresso aos relvados da casa que deixou na juventude, onde julga que o esperam os seus pais e a namorada.

Tocámos a seguir o *Nivram* (um tema de jazz dos *Shadows*) em homenagem ao saudoso *Jorge Condorcet*, o grande ilusionista humorístico com quem os *Álamos* estiveram muitas vezes em palco, nas “Variedades” das digressões do *Coro Misto* e do *Orfeon Académico*. O *Nivram* era a música que nós tocávamos durante a entrada do Condorcet. Ele aparecia descendo o corredor central da plateia, impávido na sua vestimenta branca, com uma vistosa flor na mão. Chegado à primeira fila, fazia menção de oferecer a flor a uma senhora – quem sabe, a esposa do Presidente da Câmara ou do Governador Civil –, mas o que acontecia era que a senhora ficava com o caule na mão, enquanto ele seguia com a flor até ao palco!

Nos anos 60 tivemos o movimento *hippie*, com um enorme impacto no panorama musical. Muita música, boa música, foi criada por essa altura e tocada em



Começa o baile...



Já se faziam comboios...



Palmas para os músicos!

grandes festivais, como o de Woodstock. *Peace and love* era o mote! Para evocar esta época tocámos *Colours*, um tema que foi gravado, entre outros, por *Donovan*, *Joan Baez* e *Bob Dylan*.

Tinha chegado o momento de evocar os conjuntos que connosco alternavam de hora a hora nos Bailes das Faculdades, bem como os *álamos* ausentes, dois deles já falecidos. E de ovacionar os três *soubidous* presentes na sala.

Voltando à música, tocámos de seguida *The house of the rising sun*, um grande êxito dos *Animals*, que fizeram um arranjo *pop* notável de uma canção proveniente do folclore americano. Sendo uma canção cuja letra muita gente conhecia, cantou-se em coro com o conjunto. A animação era contagiante, tanto na pista de dança como entre quem se agitava na zona das mesas.

Seguiu-se o *The great pretender*, um tema que *Freddie Mercury* fez reviver, mas cuja origem remonta a 1955, aos *The Platters*. Foi a oportunidade de os *Álamos* puxarem uma vez mais pelo público, que

cantou a duas vozes os conhecidos coros dos *Platters*: *uh-uh-uh-uh-ah!*

O concerto acelerava para o seu final. Depois de feita a apresentação dos quatro músicos em palco – lembrando que o Colaço acompanhou Zeca Afonso em alguns discos e que o Duarte integrou o duo *Duarte & Ciriaco* –, voltámos aos anos 50, arrancando com mais um tema quente, o velhinho *rock Be-bop-a-lula* de *Gene Vincent*.

E, para terminar, antes dos tradicionais *encores*, os *Álamos* evocaram os imprescindíveis *Beatles* através de *I saw her standing there* da dupla *Lennon/McCartney*. Acabaram, assim, o concerto com a música com que sempre costumavam chegar ao fim as suas actuações. Curiosamente, uma música que remete bem para o romantismo dos bailes de então, já que ela nos fala de um jovem que, depois de uma breve troca de olhares com uma menina que estava sentada num salão de baile, a convidou para dançar e com ela dançou apaixonadamente durante toda a noite.

Deixaram-nos... no 2º semestre de 2023 e 1º semestre de 2024:

- Sócio Nº 22 – Dr. Augusto Azeredo Costa Santos
- Sócio Nº 334 – Drª. Maria Sacramento Grilo Silva Dias
- Sócio Nº 553 – Dr. Rui de Vasconcelos Macedo
- Sócia nº 585 – Drª. Maria Francisca Prudêncio S Ferreira
- Sócio Nº 644 – Drª. Maria Guerra da Silva Prazeres
- Sócio Nº 689 – Engº. Manuel Moura Oliveira e Silva
- Sócia Nº 923 – Drª Maria da Graça Jacob Carvalho Osório
- Sócio Nº 1021 – Dr. José Pinheiro Lopes de Almeida
- Sócia Nº 1045 – Drª. Maria Joana Portugal Marques Vidal
- Sócia Nº 1132 – Drª. Maria Helena Gaspar Correia
- Sócio Nº 1210 – Dr. Henrique Vilhena Pereira Silva
- Sócio H. 2 – Dr. Francisca Leal Paiva
- Sócio H. – Cor. José Anjos de Carvalho

Que descansem em Paz!

Não muitas Instituições poderão ter usufruído durante tantos anos de um suporte de calor humano, profissional e empatia pessoal sem excepções como o que recebeu esta Associação de Florêncio de Campos. Apenas a Presidente (de há muito) recebia “pois pois eu é que sei” como resposta a qualquer instrução menos a gosto do Sr. Campos, quando virava costas. Não há espaço físico para expressar todos estes sentimentos; por isso, humildemente as sucessivas Direcções clamam: Deus lhe pague, Sr. Campos!

FLORENCIO BARROSO DE CAMPOS

(13/03/1927 – 6/02/2025)



Eu com Sr. Campos (e a sua mala) no Casino do Estoril na Tomada da Bastilha de 2008

Não sou de dedicatórias ou homenagens pois a memória atraiçoa--me mas, o pedido por quem me é dirigido não me é possível recusar e ainda por cima a quem é dirigido:

AO SR. CAMPOS que se dedicou de alma e coração a esta nossa Associação que tantas memórias e recordações nos trás, e o Campos é uma delas, não porque partiu agora mas porque sempre nos foi “PRESENTE!”

Sr. Campos, que idade tem?

E com um sorriso nos respondia.

Diga lá quando é que nasceu?

... e mais um sorriso era sempre a única resposta. Onze irmãos, família com dificuldades levou-o a ingressar no Seminário em Braga na idade escolar, que não completaria por divergências com o Reitor que, por fazer parte do

“Cantorium” (penso que é assim que se chama), não tinha fins-de-semana como os demais seminaristas (contou-me ele...) e um dia numa visita dos seminaristas aos Açores conheceu aquela que viria a ser a Mãe da sua filha Helena, ao que eu lhe dizia:

- Pois é! ...pois é Sr. Campos, sai do Mosteiro e arranja logo namorada!

- Oh! – dizia ele com um sorriso “malandro”.

Não era fácil trabalhar com ele, primeiro não nos ouvia (... ouvia muito mal e usava-o...) até porque sendo teimoso, levava sempre a água ao seu moinho.

Quando eu fumava, muito fumo respirou... por isso dizia ele: “você está a matar-me!”...

Quando o “seu” Sporting jogava, no dia seguinte era conversa sobre o jogo mal eu entrava na sala (e não gosto de futebol) mas, ganhasse ou perdesse, sempre o mesmo estado de espírito de paz e amor; e quando um carro buzina na rua corria a abrir a porta e dizia-lhe eu – Sr. Campos foi um carro na rua – então voltava a sentar-se. Quando o telefone tocava lançava logo a mão sobre o auscultador: “Tá?... Quem?... Não percebo!... Ah como está Sr.(ª) Dr.(ª)?... ouvia mesmo mal mas queria ser sempre ele

a atender porque: “conhecia todos os Sócios e Sócias da Associação como a palma da mão”.

Homem simples, orgulhoso do que fez na vida e de quem de perto contactou, de uma enorme dedicação a esta Associação e a todos que dela fazem parte, desde os Órgãos Sociais aos Sócios desde o tempo em que estava presente secretariando as reuniões que antecederam a formação da AAELx no ex-Centro Comercial Arco-Iris no jardim do Campo Grande; não fosse a pandemia do COVID19, estaria até ao passado dia 6 de Fevereiro a telefonar aos Sócios a lembrar o pagamento das Quotas ou, se não estava interessado num próximo evento que a Associação iria realizar; sempre o primeiro a chegar a esta “sua casa” fizesse Sol ou chuva, senhor de trato difícil mas de um coração do tamanho do mundo, sempre pronto a dar uma palavra (ou um poema) de alento “perfumado” pela sua enorme crença religiosa e amor ao próximo onde, nesse coração não havia espaço para a maledicência, para tudo e para todos “arranjava” desculpas divina; poucas vezes abordava a sua solidão e as suas dores física e de alma (partilhava a casa com uma filha problemática) mas era aqui

nesta casa e na nossa companhia que encontrava a razão da vida e que a manifestava nos seus poemas, quase sempre de cariz divino e de muito humanismo os quais enviava na correspondência da Associação dirigida a alguns Sócios desta Associação com quem ele tinha mais intimidade; quantos não receberam um “quadrado” recortado à mão contendo um seu poema?.

Aos Domingos ou noutras actividades religiosas, a sua fé e saber religioso era tanto que o levava a ajudar à Missa na Amadora (onde morava o irmão) e, por vezes, era ele que escrevia para o Padre ler na Homília ou noutro discurso da igreja (contava-me ele...). Mantivemos correspondência aquando do nosso afastamento (por reforma minha e da pandemia ele) e na última carta que me escreveu, notavam-se as suas grandes dificuldades na escrita, na última carta que lhe enviei, já não obtive resposta e pelo telefone não o podia contactar porque já não ouvia e a filha não atendia. Sr. Campos, esteja onde estiver, decerto estará bem porque o mereceu de certeza! Por si, Sr. Campos, este mundo esta-

ria bem melhor! Bem Haja! Enquanto eu viver jamais o esquecerei pois é uma das muito boas recordações da Associação que trago no peito e comigo irão.

Por Alexandre Salgado Dias

“Bom amigo sr. Campos, soube pela nossa Presidente que o senhor está noutras paragens. Eu tenho imensas saudades suas, mas creio que nos voltaremos a ver. E dê por favor lembranças minhas aos amigos comuns que aí estão consigo e que são muitos. Não sei o que estará a ver, mas decerto que é muito bonito. Aceite um abraço da sua amiga Maria Claudina Castel-branco “

Por Maria Claudina Castel-branco

“Conheci o Sr. Campos quando conheci a nossa Associação em 2000. Senti por ele uma grande simpatia, com o seu ar afável, a sua cultura, o seu amor pelos livros, pela Associação e pela sua querida Presidente, a Dra Fátima Lencastre. Contou-me vários episódios da sua vida, a sua ida para o

Seminário, ensinou-me como se catalogam os livros (e eu que tenho centenas deles em casa, nunca cheguei a pôr em prática aquilo que me ensinou).

Dado o nosso amor mútuo pelas Letras, passou a enviar-me regularmente textos sobre vários temas, todos eles de grande sensibilidade e recheados de Amor a Deus. No dia do meu aniversário, recebia sempre em casa uma carta que começava com “Salvé dia 6 de Dezembro”. A última que recebi foi em 6 de Dezembro de 2024. Depois disso, o Silêncio!

Assim, foi com grande consternação que recebi a notícia do seu falecimento. Que descanse em Paz, meu Amigo, Sr. Campos!”

Por Maria Isabel Soares da Costa

“O Senhor Campos era um amigo sincero da nossa Associação, que granjeou a amizade dos seus sócios com o seu afecto e sensibilidade. Deixou-nos por isso, muitas saudades!”

Por Ângela Maria Lopes Miranda Lucas

NOTÍCIAS BREVES

01.

CONVÍVIO DE GERAÇÕES

Este ano realizou-se mais um convívio na Sede da Associação animado com os convivas presentes: 21.

02.

FOLIA DE CARNAVAL

Este ano realizou-se exactamente no dia de Carnaval (4 de Março) no local conhecido dos Sócios, no Restaurante “Aqui ao Lado” com música ao vivo e animação. Estiveram presentes 43 foliões.



03.

PRIMEIRO CONVÍVIO DE FINAL DE TARDE



“No dia 30 de maio deste ano, aproveitando o ensejo da realização da Assembleia Geral Extraordinária, aconteceu na sede da nossa Associação o Primeiro Convívio de Final de Tarde, que se prolongou pelo início da noite... Foram cerca de 30 convivas, que tiveram o gosto de petiscarem uns acepipes e beberem, além do vinho branco, tinto e cervejas, também umas saborosas caipirinhas e gins feitos na hora, pelos voluntários mais aptos, oferta dos membros da Direção, do Conselho

Fiscal e da Assembleia Geral e de alguns dos sócios, entre os que marcaram presença.

Todo o evento foi muito elogiado, mas o que foi sobretudo apreciado, além do convívio foi a surpresa, não planeada, da presença de uma dotada cantora, também antiga estudante de Coimbra, que, acompanhada pelo grupo de fados Serenata ao Luar, cantou e encantou com a sua belíssima voz.

Outro momento que elevou os nossos espíritos, foi a declamação de poe-

sia pela nossa Vice-Presidente Paula Morcela, que desafiou também a nossa querida sócia Elsa Teixeira dos Santos e o inigualável Jorge Fernandes, para a acompanhar. Ambas proporcionaram aos presentes aquele prazer raro de ouvir poemas por quem os sente...

Foi uma experiência muito agradável, que nos enriqueceu e motivou para que venha a repetir-se, com mais participantes, sobretudo, entre os sócios mais antigos.”

04.

ARRAIAL / SARDINHADA DOS SANTOS POPULARES



O excessivo calor, muito acima de 30 graus, não esmoreceu a boa disposição e alegria com que festejámos mais um Arraial dos Santos Populares, com a parti-

cipação de 103 convivas no evento, que contou também com a presença de Antigos Estudantes de Coimbra em Angola. Foi assim que, no dia 28 junho, em con-

dições extremas de calor e com algumas dificuldades logísticas associadas inesperadas, mas com a muito bem -vinda presença de tantos associados e amigos,

repetimos a tradição de saborear as belas sardinhas tão típicas destas festas. Não podia faltar o habitual concurso das

1.º prémio:=-

São Pedro que és generoso
Ajuda nesta aflição
Torna o mundo mais ditoso
E vela pela Associação

Isabel Soares da Costa

E a festa não era festa se a música, após a refeição e as quadras, não tomasse o espaço e fizesse mexer energicamente os foliões, ao som das marchas populares e de música de cantores portugueses. E não faltaram os balões e os manjericos!

quadras, desta vez sob o mote “São Pedro que és generoso...”, que contou com um número elevado de poetas, e a quali-

2.º prémio:

Ó São Pedro generoso
Que tanto me tens dado
Deste-me uma rapariga jeitosa
E continuo apaixonado

Anabela e Sérgio Gonçalves

Durante o convívio, que teve lugar nas instalações da Associação das Antigas Alunas do Instituto de Odivelas, ao Largo da Luz, foi ainda promovida a venda de rifas para sorteio de alguns objetos oferecidos por sócios, que serviu para comparticipar no custo de uma apare-

dade das quadras complicou muitíssimo a vida ao júri, que decidiu pela classificação seguinte:

3.º prémio:

São Pedro, que és generoso
Sob este calor infernal
Traz leques de todas as cores
Para alegrar o nosso arraial

Aldina Valadares

lhagem sonora e respetivos acessórios para a AAECCL, tendo sido angariados 430€.

E foi assim que a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, de forma bem encalorada, realizou mais um Arraial dos Santos Populares.

05.

DONATIVO À AAECCL

Nos tempos difíceis que vivemos ainda há gestos de gratidão que importam realçar, no caso quando se trata da AAECCL, e que envolve familiar de associado.

No âmbito de reconhecimento por bom desempenho profissional, a empresa Feedzai atribuiu um prémio a Afonso Fernandes, filho do nosso vogal do

Conselho Fiscal Jorge Fernandes, que tinha uma dupla vertente: uma, pessoal e outra que, no âmbito da política de responsabilidade social da empresa, consistia numa atribuição financeira a uma instituição de relevo e de utilidade pública à escolha do premiado.

E o Afonso escolheu a AAECCL pelo que a

feedzai

nossa Associação foi contemplada, em meados do mês de junho, com 1.000 Euros, um valor significativo e importante para o equilíbrio das nossas contas.

A oferta foi oportunamente agradecida pela Direção ao Afonso, aos pais e à Feedzai, e aqui se dá reconhecimento público da nossa gratidão por tal gesto.

06.

CASA DA ACADÉMICA DE LAFÕES

A AAECCL foi convidada para estar presente no 20º aniversário, no qual foi representada pelo Engº. Luís Miguel Martins (Vogal).





Julho a Dezembro de 2024
Janeiro a Junho de 2025

Nº 60 • 3ª SÉRIE

CAPA E BATINA

DIRECTOR: A presidente da Direcção

EDIÇÃO: Associação dos Antigos
Estudantes de Coimbra em Lisboa
Instituição de Utilidade Pública
Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º
1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97

TELEM: 964 167 581

E-MAIL: geral@aaec-lisboa.com

E-MAIL: aaec@sapo.pt

INTERNET: www.aaec-lisboa.com

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

PERIODICIDADE: Anual

TIRAGEM: 600 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS
SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO



Dr. Augusto Azeredo da Costa Santos
- (Tito Costa Santos)
Nasceu a 28/09/1937
Faleceu a 11/05/2025



Dr.ª Maria Guerra da Silva Prazeres
Nasceu a 08/11/1937
Faleceu a 13/05/2025